

Visibilidade LGBTQIAPN+ no Instagram: a Repercussão Conservadora ao Vídeo do Canal Dragbox¹

Talita dos Santos Buchuk Cordeiro²
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Hertz Wendell de Camargo³
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Resumo

Este artigo investiga a viralização de um vídeo do *Canal Dragbox* no Instagram, que extrapolou sua audiência habitual e atraiu comentários homofóbicos e gordofóbicos. Por meio da análise de conteúdo, estudamos as reações de usuários externos ao universo *drag*, revelando discursos conservadores ainda presentes na sociedade brasileira. A pesquisa articula teorias da comunicação, estudos de gênero e cultura digital para compreender como a visibilidade LGBTQIAPN+ nas redes pode gerar tanto reconhecimento quanto rejeição. Conclui-se que os ambientes digitais são territórios de disputa simbólica, onde expressões dissidentes seguem enfrentando resistência e violência.

Palavras-chave: drag queens; cultura digital; preconceito; visibilidade LGBTQIAPN+; redes sociais.

Introdução

A visibilidade de corpos dissidentes nas mídias digitais tem desafiado padrões normativos de gênero e sexualidade ao ocupar espaços antes restritos à lógica heteronormativa. No entanto, essa presença, quando extrapola os limites da “bolha” de públicos engajados, frequentemente desperta reações violentas. Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre esse fenômeno a partir da análise de um vídeo do *Canal Dragbox*, formado por um casal de *drag queens*, quando sua viralização gerou uma avalanche de comentários ofensivos no Instagram. A pesquisa parte da hipótese de que a expansão algorítmica do conteúdo a públicos não familiarizados com a cultura *drag* ativou discursos conservadores historicamente presentes na sociedade brasileira, revelando a persistência de preconceitos estruturais como a homofobia e

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 03 - Comunicação, Corporalidades e Minorias, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Especialista em Mídias Digitais pela Universidade Positivo (PR). Aluna da disciplina Consumo Midiático e Cultural do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR). E-mail: tali.cordeiro@gmail.com

³ Doutor em Estudos da Linguagem, professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (PPGCOM-UFPR). E-mail: hzwendell@gmail.com

a gordofobia. Ao articular elementos teóricos sobre representações LGBTQIAPN+, cultura digital e conservadorismo social, buscamos compreender os modos como o digital se torna arena de disputa simbólica e política.

Sobre esses corpos na história brasileira, podemos citar que em 1957, um jornalista da *Manchete*⁴ escreveu uma reportagem sobre o baile de carnaval “Meninas do Paraíso” do teatro João Caetano, Rio de Janeiro: “Desde que a lei o permitiu, a decência foi posta de lado, realizando-se o escandaloso e vergonhoso baile de segunda-feira no Teatro João Caetano, verdadeiro desfile de aberrações, ajuntamento de anormalidades e aleijões morais que devia fazer corar as autoridades. Para que o leitor possa ter uma ideia do que aconteceu na festa das chamadas ‘meninas do Paraíso’, deve saber que nem foi permitida a entrada de fotógrafos, a fim de que a vergonha não ficasse graficamente documentada. Nossos fotógrafos funcionaram à entrada do João Caetano, fixando flagrantes que levamos ao conhecimento do leitor somente com o intuito de mostrar quanta razão temos em nos indignar. Outro dos nossos intuitos, o principal, é tentar chamar a atenção de quem de direito, para vermos se, daqui por diante, a coisa repulsiva não se repete” (Green, 2022).

Toni Reis, secretário-geral fundador da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, no ano de 1995, contou em uma entrevista que ocorreram vinte assassinatos documentados de homossexuais nos 10 anos anteriores em Curitiba e desses vinte assassinatos, apenas dois receberam condenações (Green, 2022). Já em 2017 foram registrados 445 assassinatos de homossexuais no Brasil, segundo o Grupo Gay da Bahia (Bortoni, 2018). Percebe-se que o preconceito é algo registrado há anos no Brasil. Esse preconceito ainda deixa pessoas homoafetivas temerosas em andar de mãos dadas com seu companheiro na rua ou trocar carinhos, pois temem sofrer agressões verbais ou físicas (Bortoni, 2018).

Deste modo, o objetivo geral deste trabalho é analisar como a viralização de um vídeo publicado pelo *Canal Dragbox* no Instagram mobilizou discursos conservadores nas redes sociais brasileiras, evidenciando tensões sociais em torno da visibilidade de corpos dissidentes e expressões *drag* na esfera pública digital. E como objetivos específicos investigar os comentários de cunho preconceituoso suscitados pela postagem do *Canal Dragbox*, identificando marcas discursivas de homofobia, gordofobia e conservadorismo; e discutir o

⁴ Revista brasileira publicada semanalmente no período de 1952 a 2000.

impacto da viralização de conteúdos LGBTQIAPN+ fora de suas “bolhas digitais” e os modos como o algoritmo contribui para a exposição a audiências adversas.

Metodologia

O estudo adota uma abordagem qualitativa, com base na técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011), aplicada aos comentários publicados em uma postagem específica do *Canal Dragbox* no Instagram. A seleção do vídeo se deu por seu alto alcance (mais de 1 milhão de visualizações e quase dois mil comentários até abril de 2025). Os comentários foram categorizados com base em três eixos principais: discursos de ódio (homofobia e gordofobia), ironias de cunho conservador e reações de incômodo à estética *drag*. A fundamentação teórica sustenta-se em autores como Esther Newton (1972), James Green (2022) e estudos contemporâneos sobre mídia e expressividade LGBTQIAPN+.

Fundamentação teórica

A sociedade de forma geral enxerga a comunidade LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, Não Binário e o sinal de mais (+) identifica as demais pluralidades de orientações sexuais e variações de gênero.) como uma “categoria desviante” (Newton, 1972). Existem registros de homens vestidos com roupas femininas, maquiagem e perucas desde a década de 1930, no Brasil, quando participavam de bailes de carnaval do Rio de Janeiro e faziam uso dessas roupas como um modo de expressão (Green, 2022). O termo “*drag*” era utilizado em peças Shakespearianas, quando homens se vestiam de mulheres em suas interpretações, já que mulheres não tinham liberdade para atuar. Alguns registros indicam que o termo significa *Dressed Resembling A Girl* (Vestido para lembrar uma garota – tradução livre) e foi popularizado no final do século XIX.

Atualmente, é fácil encontrar em redes sociais pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ com grande número de seguidores e números expressivos de interação com o público, caracterizando-os como “influenciadores digitais”. Rita Von Huntly (nome artístico de Guilherme Terreri), *drag queen*, professor e *youtuber*, com 1,5 milhões de seguidores no Instagram; Lorelay Fox (nome artístico de Danilo Dabague), mais um exemplo de *drag queen youtuber* e apresentadora com número expressivo de seguidores (em abril de 2025 com 725 mil seguidores no Instagram); e Eduardo Oliveira Júnior (ex *drag queen*) apresentador do

podcast “Me Conte uma Fofoca” com mais de 68 mil seguidores em seu perfil pessoal do Instagram. Seria essa a mudança de perspectiva e melhores oportunidades que esperamos para a comunidade LGBT? Porém, e quando os comentários de um simples vídeo postado em uma rede social recebem uma “tempestade” de comentários maldosos e criminosos?

Estudo de Caso: análise

No Brasil pode-se dizer que a popularização da cultura *drag*, para além da comunidade LGBTQIAPN+ deu-se com a exibição do reality show “*RuPaul’s Drag Race*” (2009 - atualmente), que *drag queens* disputam em provas o título de “*America’s Next Drag Superstar*”. E com a popularização e acesso à cultura *drag*, essa forma de expressão vem ganhando espaço na internet e televisão, como citado anteriormente, é fácil encontrar canais no Youtube, participações em reality shows e plataformas de vídeos curtos. O *Canal Dragbox* possui mais de 400 mil seguidores no Instagram e 382 mil inscritos no YouTube (dados retirados das plataformas em abril de 2025). O casal formado por Tatá M. Shady e Olive Oil (nomes artísticos de Thairone Cavalcanti e Eduardo Kunst, respectivamente) compartilha vídeos de cunho humorístico reagindo a fofocas de subcelebridades, fofocas vazadas na internet, quadros de culinária e também provas de figurinos (ou “looks”, no vocabulário *drag queen*), comprados em sites estrangeiros conhecidos por vender peças de roupas abaixo do valor encontrado em lojas físicas. Foi num desses vídeos de provas de figurinos, finalizado com a montagem (quando a *drag queen* utiliza maquiagem e peruca), que a bolha foi furada.

O vídeo⁵, com 1,3 milhões de visualizações e 1.867 comentários (em abril de 2025), mostra Olive Oil provando um vestido vermelho, ainda sem maquiagem e peruca, com a frase em tela: “Comprei X Chegou”. Ela faz um sinal negativo com a mão e um subtítulo da frase aparece: “e se eu me montar?”. O vídeo corta e ela reaparece com peruca, maquiagem, acessórios e salto alto. O vídeo não possui fala, mas como “trilha sonora” escuta-se o hit “Alibi” de outra *drag queen* brasileira conhecida internacionalmente: Pabllo Vittar. O vídeo possui apenas 15 segundos. Isso foi suficiente para que os comentários do vídeo fossem invadidos por pessoas de “fora da bolha”, ou seja, pessoas que não acompanham o *Canal Dragbox*, não conhecem o trabalho de Tatá e Olive, não conhecem a cultura *drag*. Um vídeo sem nenhuma fala, um vídeo que não falou mal de ninguém, um vídeo que não ofendeu ninguém e que

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C893PZyRFCV/?igsh=eHcxZmd4eWJkN25r>. Acesso em: 05 abr. 2025

recebeu comentários como: “Orgulho da família” (comentário de cunho “irônico” desqualificando o trabalho de Olive e outras *drag queens*). *Drag queens* são profissionais, mas elas representam o estigma do mundo gay. Elas são a “fonte da desonra”, especialmente em relação ao mundo e cultura heterossexual (Newton, 1999). Outro comentário: “O mundo tá perdido” que reforça a perspectiva conservadora a respeito das *drag queens* e neste vídeo por consequência, a respeito dos homossexuais, já que Tatá e Olive são um casal e não representam a “família tradicional brasileira”.

Outro usuário da plataforma Instagram, escreveu: “Um 38 faz falta essa hora” (referenciando-se à arma de fogo calibre 38) compactuando com a violência de registros de homicídios cometidos contra homossexuais no Brasil (Bortoni, 2018). “Meu algoritmo me odeia só pode”, demonstrando que o vídeo curto foi entregue pelo algoritmo da plataforma para pessoas que não demonstraram interesse em assuntos parecidos, possivelmente pela música hit utilizada no vídeo. Mais comentários como: “visão do inferno pqp (SIC)”, “Bujão encapado” em especial a última frase que mostra a não aceitação de corpos não magros expostos em mídias digitais. “Aqui NN (não) – emoji da bandeira do arco íris e emoji de X” indicando a resistência de aceitação e respeito a pessoas homossexuais. “Pelo amor de deus pq eu nasci na geração que essas coisas aparecem” ou “Senhor nos ajude com a nova geração”. Estes dois últimos comentários mencionados, mostram de maneira óbvia a ignorância em acreditar que homossexuais e *drag queens* são pessoas existentes exclusivamente do século XXI, e que pode-se observar neste trabalho, por meio de registros históricos a existência de pessoas homossexuais desde o século XVIII no Brasil (Green, 2022).

Conclusão

Direitos básicos como respeito e direito à vida não devem ser negados a essas pessoas. Essas pessoas entregam cultura, diversidade, expressividade e conhecimento, portanto, sua forma de expressão nunca poderá ser apagada (Lei nº 7.716, DE 5 de janeiro de 1989). Desta maneira, entende-se que por meio da problemática apresentada, resgatando o histórico de preconceito existente no Brasil e os comentários registrados na publicação feita em julho de 2024 no Instagram do *Canal Dragbox*, ainda é necessário educar a comunidade heterossexual para que o respeito à vida seja respeitado. A comunidade heteronormativa deve aprender que

existem indivíduos além do seu convívio direto e entender que são sujeitos, cada um com sua forma de expressão, seus corpos identitários e amores individuais.

A análise evidencia que conteúdos dissidentes, como os protagonizados por *drag queens*, ainda enfrentam forte resistência nas redes sociais. A repercussão negativa do vídeo do *Canal Dragbox* mostra que, apesar dos avanços legais e midiáticos, corpos LGBTQIAPN+ seguem expostos a preconceito. A visibilidade pode empoderar, mas também vulnerabiliza, reforçando a urgência de educação midiática, acolhimento e mecanismos de denúncia diante do avanço de discursos conservadores.

A expressividade de corpos dissidentes, especialmente de pessoas fora do padrão heteronormativo e não magras, ainda provoca incômodo em setores conservadores da sociedade. Essa perspectiva excludente nega a legitimidade dessas existências nos espaços públicos e nas mídias digitais. Como demonstrado neste trabalho, pessoas LGBTQIAPN+ sempre estiveram presentes na história social brasileira e sua visibilidade precisa ser reconhecida e respeitada. Propõe-se aqui uma reflexão crítica sobre a reação conservadora à performance e à presença midiática das *drag queens* Tatá M. Shady e Olive Oil, com corpos que evidenciam disputas simbólicas ainda em curso.

Referências

- ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS. Homofobia pode ser enquadrada como crime de racismo. **Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios**, 2022. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/homofobia-pode-ser-enquadrada-como-crime-de-racismo> . Acesso: 06 abr. de 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORTONI, Larissa. Brasil é o país onde mais se assassina homossexuais no mundo. **Rádio Senado**, 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2018/05/16/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo> . Acesso: 05 abr. 2025.
- GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. 3ª ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2022.
- MARTIN, Emily. Das batidas policiais à cultura pop: como foi o início da história da drag queen moderna. **National Geographic**, 2024. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2024/06/das-batidas-policiais-a-cultura-pop-como-foi-o-inicio-da-historia-da-drag-queen-moderna> . Acesso: 05 abr. 2025.
- NEWTON, Esther. **Mother Camp: female impersonators in America**. Chicago: University of Chicago Press, 1972.